

O RETORNO À CASA DE FRANK MONEY OU O ODISSEU NEGRO¹

THE RETURN HOME OF FRANK MONEY OR THE BLACK ODYSSEUS

Lucilia Teodora Vilella de Leitgeb Lourenço²

Rosana Cristina Zanelatto Santos³

RESUMO: O objetivo deste estudo, estribado na Literatura Comparada, é realizar um confronto entre a *Odisseia*, de Homero, e o romance *Home/Voltar para casa*, de Toni Morrison. Inicialmente, apresentamos a obra homérica, datada do século VII a.C., seguida da apresentação do romance morrisoniano. O enfoque dado neste trabalho comparativo está na correspondência da história dos protagonistas em ambos os textos, contendo inúmeras peripécias vivenciadas por eles, o herói Odisseu na Grécia e um soldado andrajoso, jocosamente denominado Frank Money em *Home/Voltar para casa*. Toni Morrison recria um novo Odisseu, afrodescendente, veterano da Guerra da Coreia (1950-1953), vítima das circunstâncias e colocado em condições de indigência. Esse herói contemporâneo atravessa inúmeras dificuldades em sua jornada de retorno ao lar em Lotus, no estado norte-americano da Geórgia. Ferido, é levado ao hospital e lá alguém furta seu coturno e seu casaco em pleno inverno norte-americano. Ele sai do hospital descalço. Além da pobreza extrema, Money carrega um enorme sentimento de culpa pelas atrocidades cometidas durante a Guerra e, principalmente, por ser um sobrevivente, o que não acontece com Odisseu. Ao compararmos *Home/Voltar para casa* com a *Odisseia*, também notamos que, à semelhança de Odisseu sendo ajudado pelas musas, Frank Money encontra pessoas que o auxiliam em seu retorno ao estado da Geórgia.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Homero; Toni Morrison; Herói sobrevivente.

ABSTRACT: The aim of this study, based on Comparative Literature, is to contrast Homer's *Odyssey* with Toni Morrison's novel *Home*. Firstly, we present the Homeric work, dating from the 7th century BC, and then present the Morrisonian novel. This comparative work is focused on the correspondence of the story of the protagonists in both texts, containing numerous

¹ Este artigo é um dos resultados do Estágio Pós-Doutoral cumprido junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a supervisão da Profa. Rosana Cristina Zanelatto Santos.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9063-0994>. E-mail: lucilia@uemg.br.

³ Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Literatura na Universidade de Brasília – Brasil. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq – Brasil. Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9921-6765>. E-mail: rzanel@terra.com.br

adventures experienced by them, the hero Odysseus in Greece and a ragged soldier, jokingly called Frank Money, in *Home*. Toni Morrison recreates a new Odysseus, an African descendant, Korean War (1950-1953) veteran and victim of circumstance, placed in conditions of destitution. This contemporary hero goes through numerous difficulties on his journey back home in Lotus, Georgia. Injured, he is taken to a hospital, where someone steals his boots and coat in the middle of the North American winter. He leaves the hospital barefoot. In addition to extreme poverty, Money carries an enormous sense of guilt for the atrocities committed during the war and, mainly, for being a survivor, which does not happen with Odysseus. By comparing *Home* with the *Odyssey*, we also noticed that, like Odysseus being helped by the muses, Frank Money finds people who help him on his return to the state of Georgia. **KEYWORDS:** Comparative Literature; Homer; Toni Morrison; Surviving hero.

1 INTRODUÇÃO

Desde os poemas épicos gregos até as narrativas contemporâneas, somos apresentados a personagens considerados como heróis, que em um determinado momento de suas histórias se sujeitam a intempéries causadas pela força da natureza, de um Estado, de outro ser humano ou dos deuses. Essa narrativa de ação tem suas origens na Antiguidade Clássica, período em que essa narrativa, conhecida como epopeia, preponderou na formação literária do mundo antigo. Uma vez que estamos situados a séculos de distância desse período histórico, a estrutura da narrativa heróica não se modificou, no entanto, foi reapropriada e ressignificada em vários momentos da história da humanidade, seja para realçar uma determinada figura conhecida, seja sendo usada como pano de fundo para um processo criativo.

Pensando, *grosso modo*, a Literatura Comparada como o domínio do saber em que se verificam as semelhanças e as diferenças entre produções literárias diversas, este texto se insere nesse domínio analítico específico, pensando nos vestígios de uma narrativa clássica encontrados em um texto contemporâneo. Não obstante, é possível fazer um trabalho de crítica literária, no tocante a um determinado tópico levantado pelo viés comparatista. No caso específico das epopeias, cotejamos aqui a *Odisseia*, de Homero, e o romance

Home/Voltar para casa,⁴ de Toni Morrison. Em ambas, há a construção do percurso de um protagonista que sai em uma jornada de guerra, cujo destino é moldado por forças maiores, seja dos deuses, seja do Estado, resultando em sua veneração ou sua decadência.

Numa apreensão intertextual, todo texto tem ecos de textos anteriores a ele, sendo provável que Morrison, de forma direta ou indireta, tenha construído seu romance sobre a narrativa homérica. Dessa maneira, para estruturarmos este texto, começamos pela relevância da *Odisseia* para as produções literárias subsequentes a ela no Ocidente. Após esse passo, apresentamos o romance *Home/Voltar para casa*, de Toni Morrison, seguindo para o exercício comparativo, o que nos possibilitará aproximar obras aparentemente distintas, seja pelo contexto histórico, seja pelo percurso do herói.

2 A IDEIA DA ODISSEIA

Inicialmente, exploramos a expressão *odisseia* que, em uma definição genérica, pode reconhecer uma longa jornada, cheia de percalços e de acontecimentos inesperados. Por outro lado, vale lembrar que Odisseu é o nome grego do herói da *Odisseia*; Ulisses é seu nome latino. Assim,

Cabe esclarecer, neste ponto, por que optamos por usar Odisseu ao invés de Ulisses, o nome latino do herói homérico. Vislumbramos ao menos três explicações para tanto: 1. a forma lírica ode reconhece uma composição para ser cantada; 2. o elemento antepositivo odo

⁴ Em 2006, Toni Morrison esteve na Feira Literária Internacional de Paraty (FLIP), para uma palestra. Na ocasião, eu, Lucilia, fui a Paraty, a fim de participar especialmente dessa comunicação. Ao responder a diversas perguntas da plateia, a escritora estadunidense foi questionada sobre a razão de suas protagonistas pertencerem sempre ao sexo feminino. Foi a primeira pergunta feita e despertou a atenção de Morrison. Ela explicou que para seu primeiro romance, *The bluest eye/O olho mais azul*, escolhera como protagonista uma menina de 9 anos, por ser o sujeito mais frágil que poderia existir. Sorridente, também respondeu à assistência que era uma excelente sugestão ter um protagonista masculino e que ela, um dia, escreveria um romance com esse protagonista, mas sem deixar de lado as mulheres. Em 2012, veio a público nos EUA *Home*, traduzido como *Voltar para casa* no Brasil, em 2016.

pode ter o significado de 'caminho', 'senda' (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2050); e 3. o parentesco sonoro entre odi- e a forma latina odium, o que demanda por uma (provável) origem comum. (SANTOS, 2015, p. 5).

Sendo assim a expressão *Odisseia*, reconheceria “o caminho de Odisseu”, herói grego do grandioso episódio da Guerra de Troia, que teria demorado dez anos para regressar à Ítaca, o mesmo tempo de duração da Guerra. Ele encontrará em sua casa uma situação tão belicosa quanto aquelas que enfrentara nos combates contra os troianos e na viagem de retorno: Penélope, sua esposa, está sofrendo o assédio dos pretendentes à sua mão e ao domínio das posses de Odisseu, e Telêmaco, seu filho, fora emboscado pelos pretendentes da mãe quando de sua viagem a Esparta, a fim de saber notícias do pai; ele consegue se salvar e reencontrar Odisseu em Ítaca.

A *Odisseia* divide-se em 24 cantos. Segundo Aristóteles (1993, p. 91), comparando a tragédia e a epopeia,

Nos dramas os episódios devem ser curtos, ao contrário da Epopéias, que, por eles, adquire maior extensão. De fato, breve é o argumento da *Odisséia*: um homem vagueou muitos anos por terras estranhas, sempre sob a vigilância [adversa] de Poseidon, e solitário; entretanto, em casa, os pretendentes de sua mulher lhe consomem os bens e armam traições ao filho, mas, finalmente, regressa à pátria, e depois de se dar a reconhecer a algumas pessoas, assalta os adversários e enfim se salva, destruindo os inimigos. Eis o que é próprio do assunto; tudo o mais são episódios.

Logo no Canto I, o narrador homérico invoca os poderes da Musa, a quem recorre para lhe possibilitar enunciar os sofrimentos e os percalços sob os quais Odisseu padeceu, dando conta, em poucos versos, do argumento da *Odisseia*.

Do varão me narra, Musa, do muitas-vias que muito
vagou após devastar a sacra cidade de Troia.
De muitos homens viu urbes e a mente conheceu,

e muitas aflições sofreu ele no mar, em seu ânimo,
tentando garantir sua vida e o retorno dos companheiros.
Nem assim os companheiros socorreu, embora ansiasse:
por iniquidade própria, a deles, pereceram,
tolos, que as vacas de Sol Hipérion
devoraram. Esse, porém, tirou-lhes o dia do retorno.
De um ponto daí, deusa, filha de Zeus, fala também a nós.
Os outros todos que escaparam do abrupto fim
estavam em casa, após escapar da guerra e do mar.
Somente a ele, do retorno privado e da mulher,
detinha Augusta ninfa, Calipso, deusa divina,
em cava gruta, almejando que fosse seu esposo.
Mas o ano chegou e os ciclos volveram-se,
os deuses destinaram-lhe à casa retornar,
rumo à Ítaca, e nem lá escapou de provas,
e estava entre os seus. Os deuses se apiedavam, todos,
salvo Posêidon. Incansável, manteve a ira
contra o excelso Odisseu até que esse em sua terra chegar.
(HOMERO, 2014, p. 123-124).

O universo homérico está repleto de elementos que representam a cultura, a religião e a vida social das comunidades mediterrâneas da antiguidade, como: "[...] as atividades de luta e navegação, o comércio, a colonização, a viticultura e a agricultura, a criação de assentamentos" (MARTIN, 2014, p. 37).

Com relação à sua popularidade, a *Odisseia* adquiriu seu reconhecimento graças à natureza do assunto, além da própria estruturação, cujo traçado se assemelha àquele de narrativas orais, sejam elas antigas, sejam elas contemporâneas a nós. Nela, não somente o narrador tem direito à voz: homens e deuses têm seu quinhão de fala. Mesmo o jovem Telêmaco, em busca do pai no Canto 3, é revestido da autoridade da inteligência em sua empreita:

A ele, então, o inteligente Telêmaco retrucou:
 'Nestor, filho de Neleu, grande majestade dos aqueus,
 deveras ele se vingou e os aqueus
 levarão sua extensa fama, um canto aos vindouros.
 Ah! Se os deuses me revestissem com tão grande força
 para vingar-me dos pretendentes pela acre transgressão
 desmedidos que, contra mim, engenam ações iníquas. (HOMERO,
 2014, p. 166).

A *Odisseia* apresenta o embate de homens e sua força intelectual e física para vencer a vontade de deuses como Posêidon. Vale destacar que enredos como o da *Odisseia* exercem, até hoje, o fascínio sobre os leitores, que anseiam por chegar ao epílogo da narrativa, a fim de saber se o herói e as demais personagens alcançaram seu intento. Mesmo as personagens da epopeia homérica se entretecem com as histórias contadas dentro da *Odisseia*.

[...] a frágil rainha [Penélope], que sofre demais ao se sentir para sempre longo do marido, mas ao mesmo tempo experimenta certo consolo e prazer ao ouvir histórias sobre ele por intermédio de alguém que, sem nenhuma dúvida, com ele se parece inclusive no físico [...]. (WERNER, 2014, p. 85).

Na cena destacada por Werner (2014), surgirá uma das muitas astúcias contadas pelo narrador homérico e que não partiu de Odisseu. Foi graças a Penélope que o esposo pôde vencer os adversários. Leiamos, no Canto 19, a primeira referência à prova do arco:

Agora incumbirei aos pretendentes esta prova:
 quem mais fácil armar o arco [de Odisseu] com o punho
 e flechar por meio de todos os doze machados,
 a esse eu seguirei, apartando-me desta casa
 marital, muito bela, plena de vitualhas

de que um dia, creio, lembrarei, mesmo que em sonho. (HOMERO, 2014, p. 510).

Não fosse a esposa, Odisseu poderia não ter sido reconhecido e, apesar de retornado à casa, ser espoliado de seus bens mais caros.

3 O ODISSEU NEGRO DE TONI MORRISON

Em *Home/De volta para casa*, Toni Morrison cria um novo Odisseu, afrodescendente estadunidense, bravo veterano da Guerra da Coreia (1950-1953), vítima das circunstâncias e colocado em condições de indigência. O herói é Frank Money, que atravessa inúmeras dificuldades em sua jornada de retornado à cidade de Lotus, no estado da Geórgia. Antes disso, ferido, é levado ao hospital e lá alguém leva suas botas e seu casaco, em pleno inverno norte-americano. Ele sai do hospital descalço. O ex-combatente havia recebido medalhas do governo de seu país, honras que, no entanto, não podem assegurar seu sustento, nem aliviar seus pés gelados. A escrita de Morrison (2016, p. 12-13) é contundente:

Tinham levado sua camisa e as botas de amarrar, mas a calça e o paletó do exército (nenhum dos dois um instrumento efetivo para suicídio) estavam pendurados no armário. Ele só precisava seguir pelo corredor até a porta de saída, que nunca ficava trancada naquele andar depois de um incêndio que matou uma enfermeira e dois pacientes.

[...]

Se ele conseguisse passar pela saída de incêndio, era para lá que iria: para Sião. Mesmo antes de escapar, precisava arrumar sapato de algum jeito. Andar sem sapato em qualquer lugar, no inverno, era garantia de ser preso e voltar para a divisão até ser condenado por vadiagem. Lei interessante essa de vadiagem, quer dizer, ficar parado na rua ou andando sem finalidade clara para qualquer lugar. Levar um livro ajudaria, mas estar descalço seria contraditório com 'finalidade clara', e ficar parado podia provocar uma reclamação de 'vadiagem'. [...] Você podia estar dentro de casa, morando na sua casa há anos e mesmo assim homens com ou sem distintivos, mas sempre

com armas podiam forçar você, sua família, seus vizinhos a fazer as malas e mudar – com ou sem sapatos.

O protagonista, um herói de guerra, agora conhece a pobreza e a indignância, carregando consigo o sentimento de culpa pelas atrocidades cometidas durante as batalhas e, principalmente, por ser um sobrevivente.

Money é proveniente do estado do Colorado, tendo nascido em Central City. Ao compararmos *Home/Voltar para casa* com a *Odisseia*, notamos que, à semelhança de Odisseu, tendo sido ajudado pelas musas, Money encontra pessoas que o auxiliarão em seu percurso até o estado da Geórgia, como o reverendo Locke.

No que chamaremos de capítulo 1 do romance de Morrison, o texto é grafado todo em itálico, tanto no origem em inglês quanto na tradução brasileira. A cena mostra Money e sua irmã Ci (Ycidra) escondidos, depois de terem se aventurado pelas terras de uma fazenda, para verem cavalos, apesar de todas as placas ameaçadoras.

Engatinhando pela grama, procurando o buraco cavado, evitando a fila de caminhões estacionados adiante, a gente se perdeu. Mesmo demorando uma eternidade pra ver de novo a cerca, nenhum de nós dois entrou em pânico quando ouviu vozes, aflitas, mas falando baixo. Agarrei o braço dela e pus um dedo nos meus lábios. Sem erguer a cabeça, só espiando pela grama, nós vimos eles puxarem um corpo de um carrinho de mão e jogar dentro de um buraco que já estava esperando. Um pé ficou espetado pra fora na beirada e tremeu, como se conseguisse sair, como se com um pequeno esforço pudesse escapar da terra que jogavam por cima. Não dava pra ver a cara dos homens que enterravam o corpo, só as calças; mas a gente viu a ponta de uma pá empurrar pra baixo o pé que tremia pra se juntar com o resto. Quando ela viu aquele pé preto com a sola clara e rosada riscada de lama empurrado pra dentro do túmulo, o corpo dela inteiro começou a tremer. Abracei os ombros dela com força e tentei puxar o seu tremor pros ossos do meu corpo porque, como irmão quatro anos mais velho, achei que eu aguentava. [...] Como você está querendo escrever a minha história, pense o que for pensar e escreva o que escrever, fique sabendo de uma coisa: eu esqueci mesmo o enterro. Só lembrava dos cavalos. Eram tão bonitos. Tão brutos. E em pé feito homens. (MORRISON, 2016, p. 10).

Neste excerto, alguns flagrantes nos chamam a atenção: o protagonista e a irmã são testemunhas de uma possível "queima de arquivo" (terá sido de um crime de ódio?), ele tenta trazer para si o medo da irmã, protegendo-a, e o narrador do percurso de Money não é ele próprio, restando a um outro dar voz ao ex-combatente. O que resta vívido para o protagonista são os cavalos, "bonitos", "brutos" e "E em pé feito homens", remetendo-nos ao que escreve Maurice Halbwachs (1990, p. 28) sobre a memória individual:

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena onde outros homens eram espectadores ou atores para que, mais tarde, quando eles a evocarem diante de mim, quando reconstituírem peça por peça a sua imagem em meu espírito, subitamente essa construção artificial se anime e tome aparência de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança.

Se Halbwachs se refere à cena que outros homens poderão tentar reconstituir, Frank Money se recorda dos cavalos; eles são a lembrança daquele momento de tensão e de medo passado ao lado de Ci e não o cadáver. Ao transferir a voz narrativa para um outro, o protagonista também lhe outorga o direito de selecionar o que lhe for conveniente, útil e adequado para a composição de uma história cujo enredo se parece muito com o da *Odisseia*: um homem está hospitalizado depois de lutar na Guerra da Coreia. Ele recebe uma carta com as palavras: "Venha depressa. Ela vai morrer se você demorar" (MORRISON, 2016, p. 12). Tenso, ele decide fugir do hospital, ainda que esteja descalço:

Embora sapatos fossem vitais para essa fuga, o paciente não tinha nenhum. Às quatro da manhã, antes de nascer o sol, ele conseguiu afrouxar as pulseiras de lona, se soltar e rasgar a camisola do hospital. Vestiu a calça e o paletó do Exército e se esgueirou descalço pelo corredor. (MORRISON, 2016, p. 14).

Começa então a odisseia de Frank Money, repleta de episódios que se entrelaçam no alicerce de seu argumento principal: o retorno à irmã enferma. A cidade (o lar?) não lhe interessa: "Além disso, [Money] detestava Lotus. A população impiedosa, o isolamento, e principalmente a indiferença com o futuro [...]" (MORRISON, 2016, p. 18-19).

Em uma de suas paradas, o protagonista é inquirido por um reverendo sobre o que o levava à internação no hospital.

'Eu devia estar aprontando', ele disse. 'Alguma coisa assim' Ele realmente não se lembrava. Tinha se jogado no chão com o súbito ruído de fogo contrário? Talvez tivesse começado uma briga com um estranho ou começado a chorar na frente das árvores — se desculpando com elas por atos que nunca cometera. O que ele lembrava era que assim que Lily fechou a porta atrás dele, apesar da seriedade da missão, sua ansiedade se tornou incontrolável. Ele tomou uns drinques para se preparar para a longa viagem. Quando saiu do bar, a ansiedade sumira, mas a clareza também. O que voltou foi a raiva, flutuando livre, o horror a si mesmo disfarçado como erro de outrem. (MORRISON, 2016, p. 18).

O horror a si mesmo é um dos sintomas que assola Frank Money, sobrevivente da crueldade da população branca de Lotus, sobrevivente de uma relação familiar marcada pela violência, sobrevivente de guerra e sobrevivente a uma longa jornada para encontrar a irmã. O que significa para ele sobreviver? Em termos médicos, talvez ele sofra de Estresse Pós-Traumático. Pensando no que escreve Primo Levi em *Os afogados e os sobreviventes*, ele sofre de angústia.

A angústia é conhecida de todos, desde a infância, e todos sabem que muitas vezes é branca, indiferenciada. É raro trazer uma etiqueta legível, contendo sua motivação; quando o traz, muitas vezes é falsa. Podemos crer-nos ou declarar-nos angustiados por um motivo, e sê-lo por outro inteiramente diferente: crer que sofreremos diante do futuro, mas sofrer pelo próprio passado; crer que sofreremos pelos outros, por piedade, por compaixão, mas sofrer por motivos nossos, mais ou menos profundos, mais ou menos confessáveis e confessados; às vezes tão profundos que só o especialista, o analista de almas, sabe como desenterrá-los. (LEVI, 2004, p. 62).

A angústia de Money o fez se desligar, aparentemente, dos acontecimentos traumáticos, restando-lhe a dor do sofrimento. Sua viagem de retorno à irmã, e não a uma cidade ou a bens materiais, nasce, ao que parece, da necessidade de reconstituir o passado como uma lembrança, para que ele possa se libertar e seguir o presente. No entanto, isso só pode acontecer se ele reencontrar Ci. Segundo Halbwachs (1990, p. 34),

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte da mesma sociedade.

Trata-se, pois, de um processo arqueológico que levará à reelaboração do passado e que, em *Home/Voltar para casa*, solicita de Money, em parceria com sua irmã, o afastamento do que foi destruído. A viagem do retornando Money se dá de modo gradual até o ponto em que tanto ele como Ci poderão se desligar dos medos passados e viver o presente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Whose house is this?

Whose night keeps out the light in here?

*Say, who owns this house?
 It's not mine.
 I dreamed another, sweeter, brighter
 Whit a view of lakes crosse in painted boats;
 Of fields wide as arms open for me.
 This house is strange.
 Its shadow lie.
 Say, tell me, why does it lock fit my key?⁵ (Toni Morrison).*

Como narrativas de retorno de sujeitos saídos da guerra, tanto a *Odisseia* quanto *Home/Voltar para casa* têm argumentos breves e simples cujos episódios enlaçam os leitores e os ouvintes no desejo de que os protagonistas alcancem seus intentos. No entanto, se o retorno de Odisseu se volta para a recuperação de seus bens, incluindo Penélope, e o restabelecimento de sua autoridade passados vinte anos de ausência, Frank Money deseja retornar para a irmã Ci e reconstruir não o passado, repleto de crueldade e de violência, mas poder viver o presente, sem o que sua vida de sobrevivente será uma morte e um adoecimento contínuos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. 2. ed. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

⁵ "De quem é esta casa onde a noite mantém a luz lá fora?/Diga, a quem pertence esta casa?/Ela não é minha./Eu sonho com outra, mais doce, mais brilhante/Com vista para lagos navegados por barcos coloridos;/de largos campos como braços abertos para mim./Esta casa é estranha./Sua sombra mente./Fale, diga-me, por que sua fechadura cabe na minha chave?" (Tradução livre).

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: HALBWACHS, Maurice. Tradução de Laurent León Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990. p. 53-89.

HOMERO, *Odisseia*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MARTIN, Richard P. Apresentação. Tradução de José Rubens Siqueira. In: HOMERO, *Odisseia*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 7-58.

MORRISON, Toni. *Home*. New York, Vintage International (a division of Ramdon House, Inc.), 2012.

MORRISON, Toni. *Voltar para Casa*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. O desafio da coragem na constituição do herói: Odisseu e Roseno. *Letras & Letras*, UFU, v. 31, n. 1, p. 331-343, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras>. Acesso em: 25 nov. 2020.

WERNER, Christian. Introdução. In: HOMERO, *Odisseia*. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 59-113.

Recebido em 15/07/2020.

Aceito em 15/10/2020.